

A CONSTRUÇÃO DA MULHER CIENTISTA: o enfrentamento do sexismo na ciência e a importância dos estudos feministas

THE CONSTRUCTION OF THE WOMAN SCIENTIST: confronting sexism in science and the importance of feminist studies

LA CONSTRUCCIÓN DE LA MUJER CIENTÍFICA: confrontando el sexismo en la ciencia y la importancia de los estudios feministas

Ma. Zélia Vieira de Quevedo Bakargi

email: zelia.bakargi@ufms.br

UFMS, Centro Universitário, Campo Grande-MS, Brasil.

Profª Dra. Josiane Peres Gonçalves

email: josiane.peres@ufms.br

UFMS, Centro Universitário, Naviraí-MS, Brasil.

RESUMO

O presente artigo está relacionado à pesquisa de doutorado em andamento com o título “Mulheres, docência e ciência: episódios da carreira científica de professoras da UFMS” e tem como objetivo propor a discussão sobre os entraves sexistas que são enfrentados pelas pesquisadoras, especialmente as que desenvolvem estudos sobre teorias feministas/de gênero e a valorização do conhecimento produzido por mulheres através da história. A metodologia adotada é qualitativa e baseia-se em um levantamento de dados, a princípio, de Revisão Bibliográfica das produções que contemplam as carreiras femininas nas bases de dados Google acadêmico, BDTD e bases de dados das universidades UCDB, UEMS, UFMS e UFGD e entrevistas com as participantes, para posterior análise. Aborda-se aqui a relevância social dos estudos feministas e necessidade da distribuição mais justa do acesso ao conhecimento científico entre homens e mulheres, mas sobretudo que, antes disso, as mulheres se fortaleçam politicamente por meio da luta feminista e conquistem cada

vez mais a equidade de condições e direitos, inclusive de atuação profissional em nichos ainda dominados pelo androcentrismo, como a academia.

Palavras-chave: mulheres na ciência; estudos feministas; academia, sexismo.

ABSTRACT

This article is related to the doctoral research in progress entitled “Women, teaching and science: episodes in the scientific career of UFMS professors” and aims to propose a discussion about the sexist barriers that are faced by researchers, especially those who develop studies on feminist/gender theories and the appreciation of knowledge produced by women throughout history. The adopted methodology is qualitative and is based on a data collection, in principle, of a Bibliographic Review of the productions that contemplate the feminine careers in the databases Google academic, BDTD and databases of the universities UCDB, UEMS, UFMS and UFGD and interviews with the participants, for further analysis. The social relevance of feminist studies and the need for a fairer distribution of access to scientific knowledge between men and women are addressed here, but above all that, before that, women are politically strengthened through the feminist struggle and conquer more and more equity of conditions and rights, including professional activity in niches still dominated by androcentrism, such as academia.

Keywords: women in science; feminist studies; academia, sexism.

RESUMEN

Este artículo está relacionado con la investigación de doctorado en curso con el título “Mujeres, docencia y ciencia: episodios en la carrera científica de los profesores de la UFMS” y tiene como objetivo proponer una discusión sobre las barreras sexistas que enfrentan los investigadores, especialmente aquellos que desarrollan estudios sobre las teorías feministas/de género y la valorización del conocimiento producido por las mujeres a lo largo de la historia. La metodología adoptada es cualitativa y se basa en una recolección de datos, en principio, de una Revisión Bibliográfica de las

producciones que contemplan las carreras femeninas en las bases de datos Google academic, BDTD y bases de datos de las universidades UCDB, UEMS, UFMS y UFGD y entrevistas con los participantes, para su posterior análisis. Se aborda aquí la relevancia social de los estudios feministas y la necesidad de una distribución más justa del acceso al conocimiento científico entre hombres y mujeres, pero sobre todo, ante eso, las mujeres se fortalecen políticamente a través de la lucha feminista y conquistan cada vez más la equidad de condiciones. y derechos, incluyendo la actividad profesional en nichos aún dominados por el androcentrismo, como el académico.

Palabras-clave: mujeres en la ciencia; estudios feministas; academia, sexismo.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo embasa-se na pesquisa de doutorado a qual aborda o desenvolvimento das carreiras das mulheres na academia sob o título “Mulheres, docência e ciência: episódios da carreira científica de professoras da UFMS”, abordando os desafios por elas enfrentados. Os entraves na trajetória das mulheres cientistas remetem aos estereótipos de gênero e as formas de invisibilização dos discursos femininos, diante das expectativas atreladas aos papéis sexuais associados às mulheres, sob o cenário de aparente igualdade da academia.

Sabe-se que os símbolos mais associados ao masculino e ao feminino são aqueles que se assemelham respectivamente “a um escudo e uma lança e este a um espelho, onde a beleza é refletida, teriam origem em símbolos astronômicos dos planetas Marte e Vênus.” (MOREIRA *et al.*, 2006, p. 7). Questionar papéis de gênero trata-se então de questionar a restrição das mulheres (e dos homens) a papéis limitados, em cujos questionamentos não se pretende tirar o espelho definitivamente das mãos delas ou a arma das mãos deles, mas permitir que ambos possam também optar pelo espelho ou pela armas durante suas vidas.

Não se trata de recusar uma suposta essência feminina ou masculina, mas de uma resignificação da carga pejorativa do que o senso comum atribuiu ao ser mulher, ampliando suas possibilidades dos modos de ser, de atuar socialmente e profissionalmente, aumentar sua liberdade, seu repertórios de experiências e

consequentemente as dos homens. Nesta reorganização e desmistificação, as mulheres buscam iguais condições, não o domínio dos homens.

Os estudos de abordagem feminista (NARVAZ *et al.*, 2007), mais acentuadamente que os nomeados estudos de gênero, têm gerado reações de rejeição, desconfiança ou desvalorização na academia em várias circunstâncias, mas por que isso acontece? Alega-se, entre outras coisas, que tais estudos contrariam princípios da ciência, como a neutralidade, entretanto, no aspecto teórico, o gênero enquanto categoria de análise, em relação aos estudos de teorias feministas, invisibiliza as mulheres. Assim evidencia-se a relevância da valorização de trajetórias femininas na academia, pois urge desvelar as carreiras de mulheres que pesquisam sob a ótica do feminismo ou mesmo utilizar tal perspectiva para trazer à luz as carreiras femininas em geral, como modo de produção de uma representatividade feminina, especialmente na ciência.

2 JUSTIFICATIVA

Por que a opção pela pesquisa sobre a atuação das mulheres no campo científico na área da educação superior, em docência e pesquisa? Esta escolha deve-se à busca de um conhecimento que resgate o percurso das cientistas e atribua visibilidade a sua trajetória, pois a forma com que as mulheres constroem suas carreiras não pode diluir-se às trajetórias masculinas, pois sua socialização e a obrigatoriedade da conciliação entre a carreira e o lar, acarreta esforços díspares e inabdicáveis que não são devidamente problematizados, pois já se encontram naturalizados.

Com o mesmo grau de relevância, a forma com que as instituições incentivam- ou não- que as meninas tenham seu interesse despertado para o prosseguimento dos estudos e para a produção de conhecimento científico, tem recebido maior atenção de organizações intergovernamentais, como a maior delas, a Organização das Nações Unidas (ONU), pois segundo a publicação “Meninas na escola, mulheres na ciência: Ferramentas para professores da educação básica” do *British Council*, em parceria com o Museu do Amanhã (BRITISH COUNCIL, 2020, p. 17):

(...) o Fundo de População da ONU (UNFPA, sigla em inglês) afirmou em relatório, em 2016, que o cumprimento da Agenda 2030 e seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estava **diretamente relacionado** ao apoio oferecido a cerca de 60 milhões de meninas no mundo, naquele momento com 10 anos de idade e que em breve iniciariam sua passagem da adolescência para a vida adulta (grifo nosso).

É mister reconhecer, ainda segundo a mesma publicação, que a presença feminina nas ciências remete à necessidade da diversidade de perspectivas e de repertórios empregados na resolução de problemas, os quais amplificam as perspectivas de se chegar a resoluções e inovações que possam favorecer uma quantidade maior de pessoas e para tanto é necessário investigar os modos como se constroem exitosamente as carreiras femininas na ciência, para então possivelmente traçar mecanismos de mais efetivamente suscitá-las.

Assim, a referida investigação propõe uma pesquisa de abordagem qualitativa sobre as educadoras que compõem a história da UFMS, de modo que apreendamos como estabeleceram seus *habitus* e se constituíram seus capitais, especialmente em sua formação enquanto mulheres cientistas. Considerando os aspectos múltiplos que desestimulam a carreira científica feminina, a compreensão das variáveis presentes nas trajetórias destas mulheres que obtiveram êxito na referida carreira, pode contribuir para que os determinantes que incidem sobre as mulheres e meninas, afastando-as do interesse científico, sejam desvelados.

A proposição de tal problemática teve origem nos resultados obtidos na pesquisa de dissertação de mestrado, intitulada “Representações sociais dos acadêmicos de licenciatura da UFMS sobre violência entre meninas nas escolas”, na qual o objeto foi apreender se e como ocorre a abordagem de gênero e violência nas licenciaturas. Ainda que não sejam temas diretamente interligados, foi possível, ao final da referida pesquisa, identificar com quais mentalidades os licenciandos atuariam diante de tal fenômeno e compreender por que os estereótipos de gênero ora são reforçados, ora são sub-explorados pelos docentes nas universidades.

Consubstancialmente, constatou-se que características como “agressividade” não são bem elaboradas e canalizadas no comportamento feminino, mas são sim mimetizadas dos homens (ao aderirem aos atos de violência), pois “a educação das mulheres não lhes favorece o desenvolvimento do fator agressividade” (LETA, 2003,

p. 279), aspecto fundamental em carreiras acadêmicas e de liderança, ainda dominadas por homens.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As disputas que ocorrem no campo científico caracterizam-se por suas marcas de gênero, vista a expectativa de uma performance de feminilidade por parte das mulheres, a partir da qual são impostos padrões de comportamento relacionados à docilidade e a afabilidade, pois, de acordo com Silva et al (2014), nossa sociedade está definida em dualismos: razão/emoção, ativo/passivo, pensamento/sentimento, objetivo/subjetivo, público/privado, mente/corpo, sujeito/objeto, cultura/natureza etc.

Tais pares ambivalentes são sexualizados, uma vez que o primeiro elemento do par é associado ao masculino, enquanto o segundo, ao feminino. “Além disso, essas oposições binárias estabelecem hierarquias, já que o primeiro pólo é sempre tomado como referência” (SILVA et al., 2014, p. 4). Por conseguinte, concebe-se que ao se tratar de gênero fica destacado “o caráter social e, portanto, histórico, das concepções baseadas nas percepções das diferenças sexuais” (STEARNS, 2015, p. 11).

Destarte, compreende-se que gênero é uma categoria que define parâmetros nas relações entre os sexos, ou seja, se trata de um pressuposto do que significa ser masculino e ser feminino. Aqui destaca-se que a base biológica por trás do gênero fundamenta estas relações, pois ainda que sejamos seres racionais, conscientes e atuantes em nossa interação com a sociedade, nossa base natural e biológica persiste em fazer-se determinante nas relações de gênero e impõe-se como condição *sine qua non* como justificativa para a opressão sofrida pelas mulheres. Para Lerner (2019, p. 33), “A apropriação da função sexual e reprodutiva das mulheres pelos homens ocorreu antes da formação da propriedade privada e da sociedade de classes. A transformação dessa capacidade em mercadoria, na verdade, está no alicerce da propriedade privada”.

Do mesmo modo, Saffioti (2004, p. 125) discute que, “quer como mão-de-obra, quer como objeto sexual, quer, ainda, como reprodutor de seres humanos”, o sexo com o qual se nasce tem servido como justificativa para preconceitos e

cerceamento das liberdades e direitos da mulher. Ou seja, adota-se o conceito de mulher como aquela que foi socializada para a subordinação, a partir da constatação da condição biológica de fêmea, a tornar-se mulher segundo parâmetros específicos dos papéis sexuais de gênero, pois não se nasce essa mulher, tornamo-nos com a socialização, parafraseando Simone de Beauvoir, em que são estigmatizadas segundo símbolos de feminilidade, pois:

Se há algo que se possa chamar de ideologia de gênero, é justamente o uso do gênero como mecanismo milenar de poder patriarcal, estabelecendo posições bem delimitadas a homens e mulheres, como ocorre histórica e contemporaneamente, e não o estudo, com seriedade, de uma categoria analítica, que coloca em evidência as relações de poder e sociabilidade entre os sexos, buscando, através de um diagnóstico de suas interações históricas, analisar a construção e funcionamento das estruturas sociais entrelaçadas às práticas e aos discursos sexistas institucionais e sociais contemporâneos. (DE MORAIS COLUMBAROLI et al., 2020, p. 109).

Assim, ao desempenhar funções que se restringiram por muito tempo ao domínio masculino, como funções de liderança, autoridade e destaque social no espaço público, como a atuação na ciência, a mulher deparou-se com dificuldades de ordem estrutural, contra as quais o embate é ainda mais complexo.

Normalmente não há confronto direto ou uma discriminação explícita em ambientes científicos, mas questiona-se a pouca representatividade dos feitos destas mulheres nos registros da história, diante de uma produção massiva de conhecimento científico, arte e tecnologias (etc.), além da falta de problematização dos padrões heteronormativos e machistas devido aos quais as especificidades do ser mulher a desabonam, ainda que sua competência seja inquestionável. Assim, os padrões de comportamento possíveis de serem adotados para conquistar prestígio, autoridade ou credibilidade têm sido, muitas vezes, os padrões masculinos:

Afirma-se, então, que as cientistas ou ‘mimetizam’ (refletem) ou assimilam certas características associadas ao masculino para se estabelecerem nesse ambiente marcado pelo viés androcêntrico já denunciado muitas vezes ao longo deste estudo. Quando assimilam, não o fazem como uma decisão consciente de sua vontade, mas tal comportamento é insidiosamente construído pelo ambiente em que essas mulheres se formam e atuam. Neste sentido, usando a metáfora que tanto se destaca em Biologia para designar fêmea e macho ou feminino e masculino - ♀ - pode-se dizer que, na Ciência, o Espelho de Vênus reflete as Armas de Marte uma vez que a imagem que a mulher cientista constrói para si mesma reproduz, necessariamente, o impulso agressivo necessário à dominação, considerado

pelos criadores da Ciência Moderna como essenciais na busca e na produção do conhecimento, expresso metaforicamente pelas armas de um deus.(SOUZA, 2003, p. 184).

Um dos benefícios da inserção dos estudos feministas/de gênero na formação de professores, principalmente, (mas não apenas), possibilitaria que desde a pré-escola houvesse esta reformulação dos papéis de gênero engessados para um desenvolvimento de modos de liderar e exercer autoridade alternativos aos masculinos, mas não menos efetivos e assertivos.

Para Joan Scott (1992), o termo gênero não representa a contento a história das mulheres e comumente é utilizado como sinônimo de mulheres, retirando a carga negativa que estaria atribuída a um estudo relacionados às mulheres / feminismo e atribuindo aceitação e credibilidade ao trabalho.

Em Quevedo Bakargi (2016, p. 33), constatou-se que pesquisadores que têm optado por se dedicarem aos estudos científicos sobre feminismo/gênero enfrentam verdadeiras “encrencas”, não apenas por se tratar de estudos abrangentes e complexos, mas também porque a academia tende a deslegitimá-los, o que torna mais árdua a busca de seu reconhecimento, publicização e consequente aceitação pela sociedade como um todo.

Assim, os estudos de gênero, em relação aos estudos feministas, assumem as exigidas feições de neutralidade, por serem menos incômodos e diplomáticos para circular de modo fluido nas instituições, e por serem consequentemente tomados como mais “científicos”.

Historicamente, conforme Yannoulas et al. (2000, p. 435), a falta de modelos de referência representou um importante empecilho para as pioneiras que buscavam espaço acadêmico e profissional, pois foi necessário romper com os valores e modelos femininos estabelecidos pela de forma com que as mulheres eram socializadas e ainda presentes na vida universitária.

Segundo tais valores, estimulava-se a dependência, a vulnerabilidade, a subserviência feminina, que constituem o contrário do que é desejável na atuação universitária e profissional, cujo foco é a autonomia intelectual, sendo que a assertividade, a capacidade de liderança e a autoconfiança definem-se como essenciais no mundo público.

A busca pelo aprofundamento dos estudos sobre gênero/feminismo, pode submeter o/a pesquisador(a) a um constrangimento imposto àqueles que se empenham em tais estudos, pois são associados a um discurso de passionalidade, a um “muro de lamentações” ou a uma motivação para hostilidades entre homens e mulheres, características incompatíveis com os princípios científicos de objetividade e impessoalidade:

[...] a utilização do conceito de “gênero” permitiu às pesquisadoras francesas serem percebidas como menos agressivas, menos “feministas” por suas instituições e seus colegas. Não chocando, elas pensavam chegar mais facilmente a um consenso científico sobre a questão da dominação masculina, mantendo-se mais politicamente corretas. (CISNE, 2014, p. 141).

Ainda que não ocorram resistências visíveis capazes de constranger as estudiosas de feminismo/gênero, há possibilidade de represálias sob outros pretextos naquele ambiente, que é predominantemente regido por princípios androcêntricos, ou seja, que prestigiam os homens que contam com condições privilegiadas de vida e discriminam as mulheres, mesmo as tão competentes quanto ou mais, cujas condições de vida e trabalho não é equiparável a deles, visto o acúmulo de funções em decorrência da sobrecarga de atividades domésticas e de cuidados com os filhos, ainda atribuídas majoritariamente às mulheres. Neste contexto, não é considerado relevante que o *status quo* seja questionado por quem se encontra em posição mais confortável. Identificamos assim estudos “[...] que mostram o impacto da micropolítica, ou seja, da interação cotidiana entre as pessoas na universidade [...] e de como os homens se beneficiam de sistemas patriarcais de apoio dos quais as mulheres são excluídas”¹ (MONTES LOPES, et al., 2019, p. 4, *tradução nossa*).

A exploração sofrida pelas mulheres tem, muitas vezes, triplo reforço se considerarmos que se somam ali questões de raça/etnia e sexo, propiciando ao sistema econômico vigente uma gama ainda mais extensa cuja única alternativa de sobrevivência, dentro da legalidade, é submeter-se à exploração de sua mão-de-obra.

A compreensão crítica das circunstâncias de opressão patriarcal as quais se está submetida apenas pode ocorrer se forem somadas aos estudos feministas categorias como a divisão sexual do trabalho e, sobretudo, assumindo-se que a mulher deve ser nomeada enquanto agente político, situada na hierarquia do

¹ We thus find research that shows the impact of micropolitics, that is, of the everyday interaction between people in the university [...] and of how men benefit of patriarchal systems of support from which women are excluded (MONTES-LOPEZ, 2019, p. 4).

patriarcado, condição a ser problematizada, mas que pode ser ocultada sob os estudos “de gênero”.

Em Bakargi (2016, p. 33) constatou-se que pesquisadores que têm optado por se dedicarem aos estudos científicos sobre feminismo/gênero enfrentam verdadeiras “encrencas”, não apenas por se tratar de estudos abrangentes e complexos, mas também porque a academia tende a deslegitimá-los, o que torna mais árdua a busca de seu reconhecimento, publicização e consequente aceitação pela sociedade como um todo.

No entanto, os estudos de gênero, em relação aos estudos feministas, aproximam-se mais das exigidas feições de neutralidade, por serem menos incômodos e diplomáticos para circular de modo fluido nas instituições, e por serem consequentemente tomados como mais “científicos”.

Destarte, ainda que não ocorram resistências explícitas ao ponto de impedir as estudiosas de feminismo/gênero, há possibilidade de represálias sob outros pretextos naquele ambiente, que é predominantemente regido por princípios androcêntricos, ou seja, que prestigiam os homens que contam com condições privilegiadas de vida e discriminam as mulheres, mesmo as tão competentes quanto ou mais, cujas condições de vida e trabalho não são equiparáveis as deles, visto o acúmulo de funções em decorrência da sobrecarga de atividades domésticas e de cuidados com os filhos, ainda atribuídas majoritariamente às mulheres. Neste contexto, não é considerado relevante que o *status quo* seja questionado por quem se encontra em posição mais confortável.

Muito além, ou paralelamente à necessidade de se buscar esse lugar no meio acadêmico, existem as mulheres que a ciência sequer alcança, em que nem sequer cogitam carreiras desta natureza. Assim, utilização do termo gênero impoem-se enquanto uma barreira linguística visto que, ao contrário do que ocorre na academia, nem sempre ocorre nas classes populares e sem acesso aos níveis mais altos da educação formal, a associação do referido termo com a opressão sofrida por aquelas mulheres especificamente por sua condição de pertencerem ao sexo feminino e, somado a isso, a relação entre a desigualdade entre os sexos e entre as classes.

4 METODOLOGIA

A princípio, foi realizada uma Revisão Bibliográfica, partindo do objeto investigativo e buscando desenvolver e avaliar um protocolo, descrever os elementos essenciais que compõem a busca, a fim de estabelecer a origem das publicações que mais se adéquam, assim como os critérios de inclusão e exclusão, garantir que a busca abrangente foi realizada previamente e organizar os artigos incluídos e excluídos informando de que modo ocorreu esse procedimento.

Procedeu-se à análise das pesquisas que contemplassem as temáticas “mulheres” e “ciência”, “trajetória”, “universidade” e “Pierre Bourdieu”, viabilizando melhor compreensão de temas que, paralelamente, foram aprofundados ampliados, pois são os conceitos embaixadores, a serem utilizados na análise do objeto. Dessa forma, foram feitas muitas leituras sobre as obras de Pierre Bourdieu (1983a, b, c, 1989, 1994, 1998, 1999, 2004, 2008), com ênfase para a compreensão dos principais conceitos propostos pelo autor e que foram utilizados para o embasamento teórico desta tese de doutorado.

Após a realização da Revisão Bibliográfica, foi organizado o levantamento, a análise exploratória e a seleção de fontes, para então dar início ao processo de pesquisa de campo e para o levantamento dos dados empíricos, cujas análises estão sendo desenvolvidas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podem ser identificadas aproximações de nossa pesquisa em relação às pesquisas identificadas em nossa revisão de literatura, pois estas destacam reiteradamente os limites impostos pela expectativa de performance de determinados padrões relacionados a uma feminilidade engessada e naturalizada como única possível, cujos instrumentos de cerceamento se referem à imposição de um repertório de comportamentos aceitáveis para uma mulher, assim como são impostos padrões estéticos, sob pena de um banimento velado no contexto da academia.

Já nas entrevistas realizadas, constatou-se que as participantes podiam contar com uma fração significativa das formas de capital cultural em sua

socialização, favorecendo o êxito em suas carreiras, sendo os elementos em desfalque supridos pelo empenho dos familiares em oferece e menor incidência de uma socialização com marcas de opressão de gênero, além dos melhores recursos disponíveis, a perspectiva da valorização da educação formal, demonstrada na busca dos próprios indivíduos (pais ou responsáveis) e evoluir em seu próprio repertório de conhecimento, visando que estas mulheres galgassem melhores condições profissionais por meio do sucesso acadêmico.

Compreende-se que a mídia (filmes, livros, propagandas) quando aborda o tema mulheres na ciência (pois é mais comum que estas sejam ocultadas e suas contribuições excluídas) frequentemente as caracterizam de forma estereotipada, caricatas, pouco sociáveis e esquisitas e assim se efetiva o senso comum sobre as cientistas excêntricas no imaginário, especialmente das crianças e jovens. “Ou seja, além da baixa representatividade de mulheres nessas áreas, as poucas que existem são, frequentemente, menosprezadas. Como essa criança poderá entender a Ciência como um lugar de todos?” (ROSENTHAL et al., 2017, p. 5), deste modo, o rompimento deste estigma imposto pelo senso comum, deve ocorrer pelas iniciativas da família e, quiçá, da escola.

O desafio é, além de identificar o cientista como um indivíduo que contribui sobremaneira para a sociedade, cujo ofício é digno e árduo e requer mais dedicação e compromisso do que um talento espontâneo ou dom sobrenatural, também é enxergar que a mulher é plenamente capaz de desempenhá-lo, em qualquer área do conhecimento. Para tanto, um dos passos fundamentais e essenciais é que a menina compreenda que essa carreira se configura em uma alternativa plenamente viável para ela, mesmo em áreas que se estabeleceram culturalmente enquanto supostas áreas masculinas da ciência, como as ciências duras, o que se evidencia em estudos como o de Rosenthal et al. (2017, p. 5), pois “Os resultados desse estudo confirmaram que [...] as crianças acreditam que Matemática é para meninos e, ainda, que meninos do Ensino Fundamental identificam-se mais fortemente com Matemática do que as meninas”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conquista de espaço para a luta das mulheres na academia as empodera para resistir, ascender e viabilizar o acesso de outras mulheres, cujas condições materiais tendem também a se fortalecerem, além das condições intelectuais. Deste modo, identificar o sexismo e a violência simbólica existentes no mundo acadêmico na contemporaneidade requer o reconhecimento dos entraves do processo de inclusão das mulheres quanto ao saber formal e científico.

Assim, se sexo é uma categoria também política, trata-se sim de discutir e produzir conhecimento científico sobre a luta das mulheres, a igualdade de direitos, o sexismo e o machismo, seja relacionando estas categorias à educação, aos direitos humanos, às políticas públicas, à saúde ou a quaisquer outros campos do saber.

A hierarquização estabelecida socialmente e culturalmente entre os sexos não se restringe à esfera da intimidade das pessoas, mas abrange as mais altas esferas institucionais como a indústria, a tecnologia, a ciência e a economia, trata-se de uma relação essencialmente política, em que o poder e os privilégios têm sido de difícil acesso às mulheres em geral e inacessíveis às mulheres das classes populares.

Destarte, a proposição de discussões sobre os entraves sexistas que são enfrentados pelas pesquisadoras em geral e especialmente por aquelas que desenvolvem estudos sobre teorias feministas/de gênero nas universidades, os embates teóricos e terminológicos entre estas teorias/categorias e a valorização do conhecimento produzido por mulheres através da história reforçam o quanto os avanços formais no direito de acessar a tais espaços são de suma importância, o que torna urgente que o acesso à educação formal e ao letramento de gênero.

Sem a pretensão de encerrar uma discussão de tamanha complexidade, propomos apenas a reflexão de que homens e mulheres poderão alcançar mais efetivamente as condições materiais de igualdade se compreenderem que seu desenvolvimento se dá em relação ao outro e quanto mais equitativamente se estabelecer este relacionamento, maior será o ganho mútuo pelo bem da coletividade, de sua subjetividade, da ciência e da humanidade.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 1999. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRITISH COUNCIL BRASIL, Museu do Amanhã. **Meninas na Escola, Mulheres na Ciência**. Disponível em:
<https://www.britishcouncil.org.br/mulheres-na-ciencia/material-didatico> Data do acesso: 10 de novembro de 2022.
- CISNE, M. **Relações sociais de sexo, “raça”/etnia e classe: uma análise feminista-materialista**. 2014. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5010761.pdf> Acesso em: 25/11/2020.
- LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Serella. São Paulo: Cultrix, 2019
- LETA, J. **As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso**. Estudos avançados, v. 17, p. 271-284, 2003.
- MONTES LÓPEZ, Estrella; O’CONNOR, Pat. Micropolitics and meritocracy: improbable bed fellows?. **Educational Management Administration & Leadership**, v. 47, n. 5, p. 678-693, 2019.
- MOREIRA, .P de S. RODRIGUES, T. S. 2006. **O sagrado feminino no ‘código da vinci’**. Disponível em: . file:///D:/Usuarios/zelia.bakargi/Downloads/8877-41836-1-SM%20(1).pdf Data do acesso: 08/12/2020.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. **A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea**. Psico, v. 38, n. 3, 2007.
- QUEVEDO BAKARGI, Z. V. de. **As representações sociais dos acadêmicos de licenciatura/UFMS sobre a violência entre meninas nas escolas**. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMS_ba32c95df0c014d84af4ee5a990f3069 Data do acesso: 30/11/2020.
- ROSENTHAL, R.; REZENDE, D. B. **Mulheres cientistas: um estudo sobre os estereótipos de gênero das crianças acerca de cientistas**. Seminário Internacional Fazendo Gênero, v. 11, p. 1-12, 2017.
- SAFFIOTI, H.I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. 151 p.
- SILVA, F. F. da; RIBEIRO, P. R. C. **Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher"**. Ciência & Educação (Bauru), v. 20, p. 449-466, 2014.

SOUZA, Â. M. F de L. **As armas de Marte no espelho de Vênus: a marca de gênero em ciências biológicas**. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador.2003.